



535.º SARAU

T e a t r o

Municipal

SEGUNDA-FEIRA,  
24 DE JANEIRO DE 1944

Às 21 horas

APRESENTAÇÃO DA

**ORQUESTRA SINFONICA BRASILEIRA**

sob a regência do insigne maestro

**E u g e n S Z E N K A R**



# Programa

---

## 1.ª Parte

|           |           |                           |
|-----------|-----------|---------------------------|
| BEETHOVEN | . . . . . | Leonora n. 3 (ouverture)  |
| SCHUMANN  | . . . . . | 4.ª Sinfonia, em ré menor |

Introdução - Allegro - Romance - Scherzo e Final

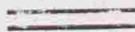
(sem interrupção)

## 2.ª Parte

|                 |           |   |
|-----------------|-----------|---|
| HENRIQUE OSWALD | . . . . . | Festa (poema sinfônico)   |
| WEINBERGER      | . . . . . | Under the spreading chestnut tree<br>(Sob o frondoso castanheiro) |

Variações e fuga sobre uma antiga melodia inglesa

|        |           |                        |
|--------|-----------|------------------------|
| WAGNER | . . . . . | Taunhauser (ouverture) |
|--------|-----------|------------------------|



## COMENTARIOS:

BEETHOVEN — “LEONORA N. 3” — (Ouverture)

Leonora n. 3 é uma das três “ouvertures” que Beethoven escreveu para a sua única ópera, Fidelio, e que não adicionou à mesma.

Iniciando-se por um *adagio* cheio de surpreendentes modulações, desenvolve-se em belo *allegro*, onde se percebem os principais motivos da ópera.

Quasi ao final, um bellissimo e longínquo toque de clarins, é como que um hino de esperanças e de luz.

SCHUMANN — 4.<sup>a</sup> SINFONIA, em ré menor — Introdução  
Allegro-Romance-Scherzo e Final.

(Sem interrupção)

Robert Schumann (1810-1856), que viveu ladeado pelos grandes vultos de Berlioz, Mendelssohn, Liszt, Schubert, Weber e Wagner, soube rivalisar com todos eles, criando para si um estilo próprio, inconfundível, digno de um grande talento.

Sem possuir a loquacidade de Berlioz, a metódica perícia de Mendelssohn, o formidável entusiasmo de Liszt, a facilidade de inspiração de Schubert, o colorido instrumental de Weber, a arrebatadora veemência de Wagner, Schumann soube se impôr, mais pela delicadeza do que pela força.

Chamaram-no o “Chopin alemão” com bastante razão. Pelo seu caráter, é realmente ao gênio polonês que êle mais se aproxima, pois cultivou uma arte de intimidade, de graça aristocrata, repassada de melancolia, de um lirismo todo subjetivo, imprópria para as grandes multidões.

Confiando ao piano os segredos de sua inspiração, Schumann teve sempre o seu pensamento atraído para o teclado, certamente influenciado por sua espôsa, Clara Wieck, grande virtuose, para quem compoz a maior parte de suas obras.

Assim, não foi um grande sinfonista, com riqueza orquestral comparável a Beethoven, Berlioz, Brahms e outros.

Entretanto, as quatro peças no gênero que escreveu, possuem singular inspiração e encantadora veia melódica.

A 4.<sup>a</sup> *Sinfonia em ré menor*, a última da série, é indubitavelmente a sua mais perfeita obra orquestral, cheia de boa vontade, de idéias amplas, de concepção farta e clara, caminhando por sôbre regiões celestiais.

— As portas do céu estão abertas de par em par para receber solenemente os heróis da humanidade! dizia Clara ao ouvir o final da 4.<sup>a</sup> Sinfonia.

HENRIQUE OSWALD — FESTA (poema sinfônico)

Henrique Oswald, o grande mestre brasileiro, que tão alto elevou a música nacional, compoz uma "Suite para Orquestra" em cinco tempos: Prelúdio, Cortége, Songe, Gavote e Finale. Posteriormente, reorquestrou o Finale, enriquecendo-o com outros instrumentos, dando-lhe o aspecto de poema sinfônico e o título de *Festa*.

Obra de surpreendente engenhosidade orquestral, é digna dos grandes mestres da música francesa moderna. Inicia-se com um tema em forma de fugato nas cordas, que permanecendo durante toda a peça, junta-se em hábil contraponto a um inspirado coral. Êste tem início suavemente no corne inglês e nas violas, propagando-se pelas madeiras até atingir os metais em magestosa grandiosidade. O bater forte do bombo, dá a impressão do alegre explodir dos foguetes e das bombas, tão habituais em nossas festas regionais.

WEINBERGER — UNDER THE SPREADING CHESTNUT TREE — (Sob o frondoso castanheiro)

Variações e fuga sôbre uma antiga melodia inglesa.

Jaromir Weinberger, é um excelente músico tcheco que vive atualmente nos Estados Unidos.

A obra que vamos hoje ouvir, é considerada uma das melhores produções do inspirado compositor.

Executada a primeira vez em Outubro de 1939, pela Orquestra Filarmônica de Nova York, sob a regência de John Barbiroli, tão grande foi o sucesso, que em Fevereiro de 1940, isto é, 4 meses depois, contava com cerca de cinquenta exhibições nas mais importantes cidades dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, etc..

As explicações que se seguem, foram feitas pelo próprio autor, e, de acôrdo com o seu desejo, devem ser publicadas nos programas dos concertos em que a peça é executada pela primeira vez, a-fim-de que o auditório possa melhor compreendê-la.

"No verão de 1938, tive oportunidade de ver num cinema da Riviera, um filme-jornal, em que aparecia o rei da Inglaterra em um parque rodeado de jovens, que com êle entoavam original e animada canção, cuja letra era:

Sob o frondoso castanheiro  
Eu te tenho em meus joelhos  
Oh como poderemos ser felizes  
Sob o frondoso castanheiro.

Mais tarde, quando fui para Nova York, comecei a escrever algumas variações e fuga sôbre a canção que havia ficado gravada em minha memória. Dei por terminada a tarefa em Março de 1939.

Cada uma das variações é separada da outra por uma passagem de piano.

*Introdução:* O período é de oito compassos. A melodia é apresentada em toda sua simplicidade, para que o auditório possa compreendê-la e acompanhar as variações.

#### Passagem de piano

1.<sup>a</sup> *Variação*: “*O virginal (\*) de Sua Magestade*” — Esta variação é composta em forma de canon da maneira seguinte: o tema aparece por movimento retrogrado ou inverso em canon com a trompa e também nas violas e violoncelos, na versão original. A repetição é feita nos violinos retrogrado designado com a expressão latina “*More Hebraeorum*”.

#### Passagem de piano

2.<sup>a</sup> *Variação*: “*Os Madrigalistas*” — o madrigal foi uma das formas mais preferidas nos séculos XV e XVI. Esta variação representa uma homenagem aos compositores ingleses de tão primitiva modalidade de música.

#### Passagem de piano

3.<sup>a</sup> *Variação*: “*A Dama de negro*” — Heroína dos sonetos de Shakespeare, cheia de profundo misticismo, traduzido por delicada linha melódica.

#### Passagem de piano

4.<sup>a</sup> *Variação*: “*Os Montanhezes*” — Anos atrás, quando estive por algum tempo em Londres, estranha música me surpreendeu. Foi quando ouvi, pela primeira vez e em conjunto, as gaitas de foles dos escoceses.

Desejando reproduzir a originalidade dêesses sons na orquestra sinfônica, adotei ao mesmo tempo as seguintes tonalidades nas madeiras: si bemol, dó, ré, fá, sol bemol e lá bemol. As gaitas são imitadas por dois flautins em arabescos ou floreios. Penso que obtive um efeito que se aproxima do real.

#### Passagem de piano

5.<sup>a</sup> *Variação*: “*Pastoral*” — Jamais tive a ventura de admirar a paisagem tranquila e bela dos campos ingleses, porém em um célebre quadro de antigo pintor clássico, que vi na galeria do Louvre, encontrei inspiração para essa variação.

#### Passagem de piano

6.<sup>a</sup> *Variação*: “*O Velho Mr. Weller discute sobre viúvas com seu filho Samuel*” — No 23.<sup>o</sup> capítulo do “*Pickwick Papers*”, Charles Dickens encarna no velho Weller a teimosia obstinada. Nessa variação, o sólo do fagote representa a resposta de Samuel a seu pai, o cocheiro Weller, que tem uma inflexível opinião sobre as viúvas...

#### Passagem de piano

7.<sup>a</sup> *Variação*: “*Sarabanda à princesa Elizabeth, eleitora palatina e rainha da Boêmia*”. — Elizabeth Stuart (1596-1662) filha de Jaime I da Inglaterra, princesa de rara beleza e educação aprimorada, foi a infeliz rainha de minha infeliz pátria. Essa variação está escrita de maneira profundamente triste e sentimental.

#### Passagem de piano

*Fuga* — A fuga obedece os moldes clássicos da fuga instrumental, isto é, exposição, desenvolvimento e “*stretto*”. Mais ou menos do meio para o fim, a ela vem se

(\*) — Instrumento antigo, espécie de cravo.

juntar o tema das variações, em contraponto que, segundo os meus bondosos amigos, é um dos meus mais felizes momentos”.

---

WAGNER — TAUNHAUSER (ouverture)

Taunhauser é a história criada pelo próprio Wagner, do Trovador que depois de haver gosado os prazeres de um amor pecaminoso no reino de Venus, retornou à terra e obtem sua redenção no amor puro e sincero da meiga e casta Elizabeth.

A *Ouverture* que tem no maestro Szenkar um admirável intérprete, evoca os principais trechos da ópera, tais como o Côro dos Peregrinos que vão à Roma em busca das bençãos do Santo Padre, a Bacanal de Venusberg (reino de Venus) e o Hino à Venus.

